

A ESTILÍSTICA ATRAVÉS DOS TEXTOS

PARTE 3

Ruy Magalhães de Araujo (UERJ)

FIGURAS DE LINGUAGEM

É pertinente lembrarmos o expressivo papel desempenhado pelas *FIGURAS DE LINGUAGEM*, de que passaremos a tratar. Também são conhecidas como *FIGURAS DE ESTILO*.

Assim, vejamos:

FIGURAS DE PALAVRAS OU TROPOS

- a) Metáfora
- b) Metonímia

Metáfora

É o desvio ou a transferência de uma palavra para outro campo semântico (que não é o seu) por força de uma comparação implícita. A relação de *similaridade*, dentro dos limites da *associação de idéias*, constitui o seu ponto de apoio básico.

Observemos:

Tenho a *boca* seca. Marina tem a *língua* ferida. Carlos perdeu um *dente*. Seus *olhos* brilhavam de curiosidade.

Todas as palavras destacadas foram empregadas em seu sentido denotativo. Porém, se dissermos:

Boca da noite. *Língua* de trapo. *Dente* de alho. *Olhos* de lince, estaremos empregando essas mesmas palavras conotativamente, ou, com mais exatidão, por meio da metáfora.

(...) ela transporta o nome de um objeto a outro, graças a um caráter qualquer comum a ambos: a *folha* da árvore dá o seu nome à folha de papel, em razão da pequena espessura de uma e outra.

Do mesmo modo: o *fio* de um discurso; *onda* de imigrantes; coração *empedernido*; *cabeça* de revolução; sorriso *amarelo*.

Nem sempre é fácil determinar-lhe o ponto de partida; muitas vezes, o processo de desenvolvimento da metáfora compreende dois momentos: um, em que ela é ainda sensível, por isso que o nome, ao designar o segundo objeto, desperta a imagem do primeiro; o outro, quando, por esvaecimento da primeira imagem, o nome só designa o segundo objeto e só a este se torna adequado.

Por isso, Konrad contrapõe a metáfora 'estética' à metáfora 'lingüística' - ensinando que aquela mergulha raízes na intenção deliberada de criar efeito emotivo, enquanto na última, tornada hábito da língua, já não se sente nenhum vestígio de inovação criadora pessoal; Amado Alonso, comungando a mesma opinião, denomina 'fóssil' a esta metáfora, conhecida (conforme a nomenclatura herdada da retórica greco-latina) como - *catacrese*.

Metáfora necessária, estereotipada, resulta a catacrese da ausência de termo próprio para designar determinada coisa (*pernas da mesa, cabeça de alfinete, etc*), o que conduz, às vezes, ao estabelecimento de relações de semelhanças algo abusivas e forçadas, como se vê, exemplo, em - *embarcar num trem, o avião aterrissou em alto mar, enterrar uma farpa no dedo, espalhar dinheiro, azulejos verdes*.

Ao contrário, a metáfora viva, sempre renovada, nasce de um impulso estilístico - e, por isso, é explorada pelos escritores como processo básico de criação literária, especialmente na poesia. 'Somente a metáfora' diz Marcel Proust - 'pode dar uma espécie de eternidade ao estilo. (C. H. da Rocha Lima, *Op. cit.*, p. 462)

Não se deve confundir a metáfora com a comparação ou símile. Nesta, os dois vocábulos encontram-se mencionados e ligados por elos comparativos: *como, tal, qual, assim como etc*.

"*Assim como a madeira cria o bicho, mas o bicho destrói a madeira, assim do pecado nascem as lágrimas, mas as lágrimas destroem o pecado.*" (Manuel Bernardes)

"*Como uma cascavel* que se enroscava,

A cidade dos lásaros dormia ... " (Augusto dos Anjos)

"*Tinhas o coração* ermo e fechado,

Como a floresta secular, sombria ... " (Olavo Bilac)

"Rui Barbosa defendeu os direitos dos fracos *qual* uma *águia*".
(Comparação)

"Rui Barbosa é a *águia* de Haia". (Metáfora)

A metáfora abarca outras modalidades: a *personificação*, a *hipérbole*, o *símbolo*, a *sinestesia*.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A personificação, também denominada de *animização* ou *animismo* ou também ainda *prosopoéia*, consiste em atribuímos aos seres inanimados ou irracionais qualidades, ações e sentimentos peculiares aos seres humanos.

"Rio caminho que anda";

"... o sol, no poente, abre tapeçarias..." (Cruz e Souza)

"Vi a ciência desertar do Egito..." (Castro Alves)

A hipérbole é a figura do exagero. É calcada no sentimento da paixão e expressa uma impressão de glória ou mesquinhez, de acordo com o estado emocional do falante ou do escritor.

"Morro de saudades",

"Seus olhos estavam inundados de lágrimas";

"A geada é um eterno pesadelo". (Monteiro Lobato)

O símbolo é o tipo de metáfora com que os seres e as coisas concretas passam a ser representados por uma forma convencional, abstrata.

"A cruz é a representação da fé cristã";

"A balança é a justiça";

"A coruja traduz sabedoria".

"O verde é a minha esperança".

A sinestesia representa a fusão ou a interpenetração de sensações visuais, auditivas, olfativas, tácteis, gustativas, a fim de representarem, no plano da expressão, o estado subjetivo do autor. É quando a impressão de um sentido é percebida como sensação de outro.

"A cor cantava-me nos olhos..." (Cruz e Souza)

"Aí se misturam a sensação visual de *cor* e a sensação auditiva de *cantar*" (C. H. da Rocha Lima, *op.cit.* p. 465)

"Avista-se o grito das araras". (João Guimarães Rosa)

"Som que tem cor, fulgor, sabor, perfume". (Hermes Fontes)

"O rio *roxo* é triste, ó rio morto,

rio do esquecimento!" (Cruz e Souza)

"Os sonhos *brancos* que não são da terra". (Cruz e Souza)

Metonímia

Este tropo se estriba numa relação de *contigüidade* ou aproximação, apresentando idéias evocadas por outra com que mantêm certa interdependência.

A *sinédoque*, dentro das modernas teorias estilísticas, foi assimilada pela metonímia, mostrando, todavia, algumas diferenciações sutis, mormente de ordem quantitativa.

1º) O *efeito* pela *causa*:

ganhar a *vida* (= os meios de vida),

viver do seu *trabalho* (= do produto do trabalho),

os aviões de guerra despejavam a *morte* (= bombas mortíferas)

2º) O *autor* pela *obra*:

Ler *Graciliano Ramos* (= as obras de Graciliano Ramos)

Ler *Camões* (= as obras de Luís de Camões)

Consultar o *Aurélio* (= o dicionário)

Comprar um *Picasso* (= adquirir uma obra de Pablo Picasso)

Na exposição, havia um *Miguel Ângelo* muito disputado (= uma escultura de Miguel Ângelo)

3º) O *continente* pelo *conteúdo*:

A *cidade* inteira ficou surpresa com a notícia (= os habitantes da cidade)

Todo o mundo memora o dia do trabalho. (= todas as pessoas)

Comeu uma *caixa* de doces (= os doces contidos na caixa)

4º) O *instrumento* pela *pessoa* que o utiliza:

Pedro é um bom *garfo* (= possui muito apetite)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

As *penas* mais atuantes da crítica falaram bem do livro (= os escritores)

5º) O *senal* pela coisa *significada*:

Em 1889, o *trono* estava prestes a cair (= o império)

Que as *armas* cedam à *toga* (= que os militares respeitem o Direito)

6º) O *lugar* pelos *habitantes* ou *produtos* do lugar:

O *Eixo* atacou os aliados (= A Alemanha, a Itália e o Japão, na 2ª Guerra Mundial)

O *porto* é recomendado pelos médicos (= o vinho fabricado na cidade do Porto)

7º) O *abstrato* pelo *concreto*:

Burlar a *vigilância* (= os vigilantes)

A *juventude* precisa de bons estímulos (= os jovens)

8º) O *concreto* pelo *abstrato*:

O Brasil necessita de *cérebros* (= inteligências)

Ela possui um bom coração (= bondade, bons sentimentos)

9º) A *parte* pelo *todo*:

Trabalhou como um *mouro* para alimentar oito *bocas*. (= pessoas)

Agora já tens um *teto* (= casa)

Joana completará quinze *primaveras* (= anos)

10º) O *todo* pela *parte*:

Moro na *cidade* (= num lugar, numa parte da cidade)

11º) O *singular* pelo *plural*:

Na Guerra dos Farrapos o *gaúcho* lutou com bravura (= os gaúchos)

O *índio* merece melhor tratamento (= os índios)

12º) O *gênero* pela *espécie*:

Os *irracionais* (= os animais)

Os *mortais* (= os homens)

13º) A *espécie* pelo *gênero*:

"Não temendo de *Áfrico* e *Noto* a força" (Camões, in: - - - Othon Moacir Garcia, *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975, p. 87), ou seja, a força dos ventos, representada por *Áfrico* e *Noto*.

14º) A *espécie* ou a *classe* pelo *indivíduo*:

"Andai como filhos" recomenda-nos o *Apóstolo* (para dizer *São Paulo*). [*São Paulo* (indivíduo) foi um dos *apóstolos* (espécie)]. (Paschoal Domingos Cegalla, *Op.cit.*, p. 515)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

15º) O indivíduo pela espécie ou classe:

Trata-se de um grande *esculápio* (= com referência a *Esculápio*, notável médico da Antiguidade Clássica)

Na ausência do marido, Isabel foi uma *Penélope*. (= *Penélope*, esposa fiel e paciente de Ulisses)

16º) A matéria pelo objeto ou pelo artefato:

Já tângem os *bronzes* (= os sinos)

Ganhei um *níquel* (= moeda)

O *aço* rasgou-lhe a face (= a navalha, a faca)

Antonomásia

A antonomásia é uma variedade da metonímia. Consiste em substituir um nome próprio (pessoas e lugares) por qualquer atributo notório ou fato a que estejam relacionados.

o *Poeta dos Escravos* (= Castro Alves)

o *Patriarca da Independência* (= José Bonifácio)

o *Cavaleiro da Triste Figura* (= Dom Quixote)

a *Águia de Haia* (= Rui Barbosa)

o *Tiradentes* (= Joaquim José da Silva Xavier)

o *Salvador*, o *Redentor*, o *Nazareno* (= Cristo)

o *Herói de Tróia* (= Aquiles)

Perífrase

A perífrase é outro recurso estilístico. Serve para nomear os seres por causa de seus atributos ou de qualquer acontecimento que os celebrou. A perífrase, todavia, só é aproveitada pela estilística quando possui valor expressivo.

Os escravos arrancavam o *ouro branco* das imensas fazendas coloniais (= algodão)

O rei dos animais não é encontrado no Brasil (= o leão)

A cidade maravilhosa tem o maior carnaval do mundo (= o Rio de Janeiro)

FIGURAS DE PENSAMENTO

1) *Antítese*

É o emprego de palavra ou pensamento em contraposição a outros de significação oposta.

"A areia, *alva*, está agora *preta*, de pés que a pisam". (Jorge Amado)

"Estes *edificam*, aqueles *destroem*; estes *sobem* pelos degraus da honra, aqueles outros *descem*". (Padre Manuel Bernardes)

2) *Paradoxo*

É a junção de idéias opostas ou contraditórias num só pensamento, o que nos impele a enunciar uma verdade com aparência de mentira.

A natureza das paixões e das emoções está cheia de paradoxos. Tudo é oposição, tudo é dissonância. Vejamos, para ilustrar alguns fragmentos dessa página brilhante do Padre Antônio Vieira:

(...) Se os olhos vêem com amor, o corvo é *branco*; se com ódio, o cisne é *negro*; se com amor o demônio é *formoso*; se com ódio, o anjo é *feio*; se com amor, o pigmeu é *gigante*; se com ódio, o gigante é *pigmeu*. (*Sermão da quinta-feira*, in: Othon Moacir Garcia, *Op. cit.*, pp. 71-72)

3) *Clímax*

É a figura pela qual o escritor procura juntar, numa seqüência ascendente, recursos de expressão sempre mais empolgantes, até atingir o ponto culminante de sua elocução. Denomina-se *anticlímax* o contrário, isto é, a seqüência descendente.

"Tão *dura*, tão *áspera*, tão *injuriosa* palavra é um Não". (Padre Antônio Vieira)

"Eu era *pobre*. Era um *subalterno*. Era *nada*". (Monteiro Lobato)

4) Antífrase

É a figura pela qual se expressa uma idéia por outra idéia contrária, por via de regra com uma conotação irônica.

"Que *grande* aumento de salário..."

(Referindo-se a um percentual muito baixo)

5) Eufemismo

Consiste em suavizar o conteúdo de uma idéia molesta, odiosa ou triste, substituindo-o por outra idéia menos desagradável.

"Ainda é incipiente a política dos *excepcionais*" (retardados)

"Joana *deu à luz* uma linda memina" (pariu)

"Depois de muito sofrimento, nosso irmão *descansou*" (morreu)

6) Litote

É uma modalidade de *eufemismo* e consiste em emitir-se uma idéia afirmativa, porém negando-a.

"Ela *não vê*" (Ela é cega).

"Desejo entrar."

"– *Pois não.*" (Pode entrar)

7) Alusão

Consiste em fazer-se referência a um fato ou a uma personagem conhecida, quer de ordem histórica, quer mitológica, quer social, quer política etc.

Orando uma vez *Demóstenes* em Atenas sobre matérias de importância, e advertido de que o auditório estava pouco atento, introduziu com destreza o conto ou a fábula de um caminhante que alugara (alugara) um jumento e, para se defender no descampado da força da calma (calor), se assentara à sombra dele, e o almocreve (condutor ou proprietário de bestas de carga para aluguel) o demandara por maior paga, alegando que lhe alugara a besta mas não a sombra dela. (Padre Manuel Bernardes, *Nova Floresta*, in - - - Othon Moacir Garcia, *Op. cit.*, p. 196)

8) Apóstrofe

Representa a interrupção feita pelo escritor ou orador, a fim de dirigir-se a pessoas ou coisas presentes ou ausentes, quer sejam reais, quer sejam imaginárias.

"Abre-se a imensidade dos mares, e a borrasca enverga, como o condor, as foscas asas sobre o abismo.

Deus te leve a salvo, brioso e altivo barco, por entre as vagas revoltosas..." (José de Alencar)

9) Ironia

Consiste em expressarmos o contrário do que pensamos. Sempre existe uma conotação sarcástica.

Pintaste uma *belíssima* tela. (Para não dizermos *borrões*)

10) Retificação

Consiste em retificar uma idéia anterior.

"Tirou, *ou antes, foi-lhe tirado* o lenço da mão". (Machado de Assis)

11) Reticência

Consiste na interrupção do pensamento, tornando-o meio velado.

"De todas, porém, a que me cativou logo foi uma... uma... não sei se digo". (Machado de Assis)

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Edição Revista e Ampliada. Rio de Janeiro : Lucerna, 1999.
- CARDOSO, Wilson & CUNHA, Celso. *Estilística e gramática histórica*. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1978.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo : Cia. Ed. Nacional, 1989.
- GARCIA, Othon Moacir. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro : FGV, 1975.
- LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro : José Olympio, 1980.
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Manual de estilística*. São Paulo : T.A. Queiroz, 1990.
- MELO, Gladstone Chaves de. *Ensaaios de estilística da língua portuguesa*. Rio de Janeiro : Padrão, 1976.
- MONTEIRO, José Lemos. *A estilística*. São Paulo : Ática, 1991.
- RIBEIRO, Manuel Pinto. *Nova gramática aplicada da língua portuguesa*. 11^a ed. Rev. e ampl. Rio de Janeiro : Metáfora, 2000.
- RODRIGUES LAPA, Manuel. *Estilística da língua portuguesa*. São Paulo : Martins Fontes, 1982.
- TORRES, Napoleão de Almeida. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa*. Rio de Janeiro : Fundo de Cultura, 1959.